

**A UNIÃO DE FACTO : UM CAMINHO PARA O SACRAMENTO DO
MATRIMÓNIO (*)**

() por Gabriel Gingras, padre e conselheiro conjugal*

INTRODUÇÃO :

Um grande número de casais vive em união de facto no nosso país e sobretudo no Quebeque.¹ Alguns deles encaram o casamento religioso com motivações diversas e frequentemente mais ou menos esclarecidas. Fazem-no depois de alguns anos de coabitação, depois da vinda de filhos no casal, depois de fracassos amorosos, depois de outras experiências de união que não perduraram.² A socióloga Denise Lemieux afirma : « Podemos admirar-nos, mas o casamento conserva também funções valorizadas e significados variados na paisagem pós-moderna. Na maioria dos casos, o casamento já não é um rito de passagem que marca o início da união, mas constitui um sinal da oficialização do compromisso, se bem que o simples facto de viver juntos, bem como o noivado, desempenhem também este papel, embora com menor dimensão festiva. Nas representações de várias pessoas entrevistadas, o casamento está, efectivamente, associado à beleza do ritual e ao sagrado. Além disso, o casamento permanece associado à formação de uma família e é encarado já não como uma obrigação mas como um quadro protector para a criança. »³

Na tradição católica, que influencia ainda um grande número de casais, a celebração do sacramento do matrimónio na Igreja deve marcar o início da vida em comum e o compromisso de construir uma família. Mesmo se a maior parte dos casais vive em coabitação antes do casamento, para muitos deles persiste um certo sentimento de culpabilidade. Sem poder por vezes identificá-lo claramente, vivem um mal-estar ou um desconforto no plano religioso. Pessoas em união de facto podem ter o sentimento de serem infiéis a Deus, mesmo sendo fiéis no seu compromisso amoroso. Para eles, o desejo de se casarem comporta um aspecto de normalização social e religiosa.

Proponho-vos dois casos para ilustrar esta diversidade :

1-

Pierre tem 38 anos. Vive com Julie uma terceira união de facto. Com uma primeira companheira, teve um primeiro filho, do qual tem a guarda partilhada. Com uma segunda, não teve filhos. Com Julie, vive uma boa relação desde há 6 anos e tiveram um filho, agora com 4 anos.

Julie, pelo seu lado, não tinha filhos antes de encontrar Pierre, mesmo tendo vivido uma relação de alguns anos com um companheiro.

Pierre e Julie casaram-se civilmente, há 3 anos, de uma forma muito discreta.

Pedem agora um casamento religioso para celebrar o seu amor com as respectivas famílias e amigos, e dizem : « regularizar a sua situação perante Deus ».

2-

Sabrina e Claude vivem juntos há 8 anos. Ela casou-se religiosamente aos 23 anos. Tem um filho desta primeira união, que tem hoje 18 anos.

Claude também se casou religiosamente, mas obteve posteriormente a anulação do seu casamento.

Passados 8 anos de união de facto, após um crescimento espiritual cultivado no interior da experiência do seu fracasso amoroso, afirmam que estariam agora prontos para se casarem religiosamente, e fazê-lo mais conscientes que da primeira vez. Mas não se podem casar religiosamente porque Sabrina está ligada pelo seu primeiro casamento e se recusa a empreender um processo de nulidade. « Poderíamos, ainda assim, celebrar hoje, agora que estamos mais maduros, o que vivemos juntos desde há 8 anos? » perguntam eles ao padre que os acompanha na sua caminhada espiritual.

1º PONTO : O ACOMPANHAMENTO PASTORAL

Estes dois casos ilustram a diversidade de situações vividas pelos casais que, nos nossos meios, pedem à Igreja que os acompanhe na sua caminhada com vista a celebrar a sua união. **Na realidade, é de um acompanhamento e de uma caminhada que devemos falar.** As equipas pastorais responsáveis pelo acolhimento dos casais desejosos de se casarem devem estar à altura não apenas de os informar mas, acima de tudo, de escutar e de seguir respeitosamente o percurso dos casais que acolhem.

O objectivo a perseguir seria então permitir aos casais descobrir vestígios de Deus, sinais da sua presença, valores evangélicos, pistas de crescimento espiritual no íntimo da sua experiência vivida.

Este objectivo necessita de tempo, de energias e de atitudes pastorais. Este será o objecto da 2ª. parte desta conferência.

Os dois casais evocados acima necessitam ambos de acompanhamento : isto é, de reler a sua experiência original e única. Esta experiência é feita de alegrias e dores, de dúvidas e de confianças, de

solidariedades e de isolamentos. É a sua aventura, ao mesmo tempo única e semelhante a todas as aventuras humanas.

A pessoa que acompanha a sua caminhada está atenta, na descrição da sua experiência, a todos os sinais da presença de Deus na sua vida. « A Igreja tem o dever, em cada momento, de perscrutar os sinais dos tempos e de os interpretar, à luz do Evangelho... »⁴

Na sua experiência de família reconstituída a três e a quatro, Pierre e Julie viveram não somente uma relação de casal enriquecedora, mas também o acolhimento de duas crianças, as necessárias adaptações a uma guarda partilhada no respeito das diferenças de ambientes de vida. Na sua preocupação de educadores, despertaram o seu filho comum e o primeiro nascido de uma outra união para a partilha, o respeito, a generosidade, a justiça e o amor. Julie, por seu lado, acolheu o filho de Pierre como seu e a sua união frutificou numa outra criança.

O seu amor cresceu ao longo das trocas de negociação, das adaptações assumidas, dos perdões trocados e dos projectos renovados. Não é pouca coisa ! São outros tantos sinais da presença de Deus na vida deste casal !

Sabrina e Claude, na sua opinião, cresceram no seio dos seus fracassos humanos, abrindo-se à dimensão espiritual do seu ser, à qual tinham estado mais ou menos atentos na sua juventude. A releitura da sua experiência de vida suscita mais a acção de graças do que os lamentos.

Com efeito, se há amor verdadeiro, Deus está presente. Se há valores do Evangelho vividos no quotidiano numa relação de casal, assim como num projecto de educação dos filhos, é chegado o momento de reconhecer os sinais desta presença de Deus. « Deus é Amor : aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus nele. » (1 Jo. 4, 16) « Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade. Por isto conheceremos que somos da verdade e, na sua presença, sentir-se-á tranquilo o nosso coração, mesmo quando o coração nos acuse; pois Deus é maior que o nosso coração e conhece tudo. » (1 Jo. 3, 18-20)

Os valores humanos vividos por estes casais não são estranhos ao Deus que se fez próximo de nós na Encarnação. O Emanuel: o Deus conosco, tomou a nossa condição humana para nos elevar à nossa própria identidade de seres livres, autónomos, felizes e santos, isto é, conformados à Sua vontade. Ouvimos muitas vezes dizer: em pastoral, partimos do humano para descobrir Deus. Seria mais

correcto afirmar que é no humano que Deus se revela. Não partimos do humano, permanecemos nele, instalamo-nos nele, como Deus o fez em Jesus Cristo.⁵

A releitura da experiência humana dos casais permite ligar os seus valores vividos a páginas do Evangelho, à descoberta de Cristo actuando pelo seu Espírito no interior das suas vidas. Esta descoberta comporta para eles um aspecto de pacificação e de apaziguamento da sua culpabilidade, ao mesmo tempo que apela ao prosseguimento, ao progresso. A sua situação não é perfeita, é humana. O seu percurso não é rectilíneo, está marcado por tentativas e erros, é humano. Mas Deus já lá está ! Ele apela ao crescimento, a assumir o passado, a aproveitar o presente e a prever os amanhã promissores.

Desta releitura nasce o desejo de deixar a Palavra de Deus iluminar de uma nova maneira uma perspectiva de vida e suscitar um compromisso mais profundo. « Abrir a mesa da Palavra, é reconhecer « sementes de Palavra » no desenrolar da história e nos diversos lugares de encontro. É entrar numa dinâmica de diálogo, onde o outro se torna ele mesmo « uma palavra » .⁶

É esta descoberta da Palavra de Deus no centro da sua vida que Claude e Sabrina realizaram juntos. Ela alimenta o seu desejo de crescimento espiritual e ao mesmo tempo o seu sofrimento de não poder celebrar sacramentalmente o seu amor. No acompanhamento pastoral ser-lhes-á possível encontrar um ouvido atento e um coração aberto? Na sua busca espiritual, há « como uma palavra de Deus que se procura, que se murmura, sob a forma de chamamento da consciência humana » para retomar uma formulação de Claude Geffré.⁷

Os dois casos aqui evocados não são excepcionais. Ilustram a necessidade de acompanhamento pastoral renovado no contexto social actual. É muitas vezes com apreensão e receio que os casais pedem à Igreja o sacramento do matrimónio. Quando se sentem acolhidos e respeitados, é para eles uma libertação significativa, que provoca perda de preconceitos e abertura inesperada à dimensão espiritual do matrimónio em termos de aliança.

Para o segundo caso de Sabrina e Claude, mesmo não podendo celebrar o sacramento do matrimónio na Igreja, um acompanhamento apropriado poderia explorar com eles outros caminhos de celebrações e

permitir-lhes pacificarem-se com o que eles vivem já, percebendo um crescimento possível no desenvolvimento da sua relação à luz da Palavra de Deus.

2º PONTO : ATITUDES A DESENVOLVER NO ACOMPANHAMENTO

O acompanhamento de que falamos requer disponibilidade por parte das equipas pastorais responsáveis pela preparação para o matrimónio. Exige tempo e competência. Os sacerdotes não podem certamente assumir sozinhos esta tarefa. Animadores e animadoras da pastoral, diáconos e baptizados, podem desempenhar esta obra de Igreja com alegria. Têm frequentemente uma experiência de casais e de pais que constitui uma vantagem segura para compreender o vivido pelos casais. Por outro lado, qualquer que seja o seu estatuto, todos devem desenvolver atitudes indispensáveis para exercer este serviço de Igreja de maneira apropriada.

- A primeira atitude é o **olhar positivo que se lança sobre a pessoa humana, sobre o casal, sobre a sua experiência, mas também sobre o mundo em que vivemos**. Não é pouca coisa habituarmo-nos a desenvolver um olhar de acolhimento e de benevolência sobre o outro, sem julgar. Desconfiando dos seus preconceitos mais ou menos confessados, o acompanhador esforça-se por escutar verdadeiramente e fica então admirado por aprender, enriquecer-se pessoalmente e mesmo maravilhar-se com a vivência dos casais que tem a seu cargo ajudar a caminhar. Ele próprio está em crescimento. Na confiança mútua que se constrói nesta relação de ajuda, na verdade que se tece sem complacência, pode estabelecer-se uma certa comunhão como outrora na estrada de Emaús : « Que palavras são essas que trocáis entre vós...? –Não tinha o Messias de sofrer essas coisas...? –Não nos ardia o coração...? » (Lc 24, 13-36)
- Vários casais sofreram feridas profundas nas suas relações de casais, mas também nos seus contactos com a Igreja. Tornaram-se amargos, desiludidos, desconfiados. Sentem-se por vezes agressivos e incompreendidos pelos representantes da Igreja. O acompanhador deve acolher isto sem se sentir ele próprio atacado. **Não somente deve manifestar escuta, empatia, simpatia, mas ainda por vezes verdadeira compaixão.**⁸

- **Acompanhar** não é arrastar alguém até ao ponto onde se quer levá-lo, é **caminhar ao seu ritmo, tentando compreender, escutando sem se cansar, dialogando verdadeiramente**. Critica-se por vezes, não sem razão, pessoas de Igreja, por fingirem que escutam para melhor convencer o outro da verdade que crêem possuir. No acompanhamento, é na procura comum da verdade que se pode progredir. Uma tal diligência está bem longe da manipulação.

- **Acompanhar** um casal desejoso de se casar, **leva tempo. É preciso disponibilidade e paciência**. Por outro lado, há procedimentos administrativos, documentos a preencher, etc... Está longe de ser o essencial, embora seja necessário. O essencial reside na verdade que se diz no interior do casal com a ajuda do suporte trazido pelos encontros de acompanhamento privados ou colectivos.
Mas, convém também nunca esquecer que um casal é uma entidade em crescimento constante. **Nunca se pára de crescer no amor**. Estaremos sempre aquém do ideal da aliança entre Deus e nós, que o matrimónio cristão significa. Os acompanhadores não se podem contentar em lembrar o ideal sem ter em conta os contributos das ciências humanas para melhor apreender a evolução psicológica do casal.

- **Um acompanhamento de qualidade deveria permitir aos casais identificar melhor as suas motivações para se casarem**. Sem impor o sentido do matrimónio cristão, propõem, fazem descobrir a beleza e as exigências do matrimónio como um presente de Deus a desembrulhar ao longo de toda a vida.

3º PONTO : A UNIÃO DE FACTO NO PROJECTO DE DEUS

O título desta terceira parte da exposição comporta algo de ambiguidade. Com efeito, o casamento religioso celebrado sacramentalmente é que é o projecto de Deus para os casais.⁹ Contudo, acreditamos que os casais em união de facto vivem já uma presença de Deus, quando o seu amor é verdadeiro e que, assim, podem estar a caminho, na via, no desejo do matrimónio sacramental.

- **O projecto de Deus para a humanidade é um projecto de fazer desabrochar cada pessoa na sua dignidade de baptizado, de filho bem-amado de Deus.** Fomos criados à semelhança de Deus. Deus é amor e dom gratuito. Como exprimia Bernanos : « aqui em baixo tudo é permuta, dá-se com uma mão e recebe-se com a outra. Só Deus dá verdadeiramente! » O desejo de Deus de amor, é que toda a pessoa seja livre, tenha auto-estima, seja autónoma, feliz e realizada. No olhar benevolente que lança sobre nós, os seus bem-amados, Ele oferece a sua misericórdia e o seu perdão que apelam ao crescimento e à superação. Deus quer que sejamos individualmente, em casal, em família, em comunidade, seus filhos e filhas desabrochados e em crescimento constante. « Que é o homem para te lembrares dele, o filho do homem para com ele te preocupares? Quase fizeste dele um ser divino, de glória e de honra o coroaste: Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos, tudo submeteste a seus pés. » (Sl 8, 5-7)

Acompanhar um casal em união de facto, é ajudá-lo a descobrir por ele próprio os benefícios reais da sua união no plano humano, mas também mostrar-lhe este olhar benevolente de Deus sobre a sua experiência de vida comum no amor, bem como a possibilidade de levar mais longe a sua percepção da presença de Deus no seu percurso de vida.

EM JEITO DE CONCLUSÃO :

Nos encontros de casais desejosos de se casarem religiosamente, acontece-me por vezes evocar certas páginas do Evangelho, nas quais Jesus acolhe, perdoa e relança aqueles e aquelas que se aproximam d'Ele. Pensemos em Zaqueu (Lc 19, 1-10), pensemos no Pai misericordioso (Lc 15, 11-32), que deixa partir o seu filho respeitando a sua liberdade, para depois o esperar, acolher e festejar o seu regresso; pensemos na pecadora perdoada e apaixonada (Lc 7, 36-50); pensemos ainda na ovelha perdida (Mt 18, 12-14) ou na cura de um leproso (Mt 8, 1-4); pensemos nas suas companhias julgadas inconvenientes (Mc 2, 15-17) e no seu memorável encontro com a mulher adúltera (Jo 8, 2-11). **Não somente Jesus acolhe sem julgar, como reabilita socialmente as pessoas excluídas.** Certamente constata a situação imperfeita na qual se encontram estas pessoas, tal como a Samaritana à beira do poço de Jacob (Jo 4, 5-42), mas não se detém sobre esta condição de pecador. Antes convida a ultrapassar a situação sem condenar as pessoas. Estas partem com um novo entusiasmo, sem temer serem marginalizadas. À aproximação de Jesus, elas são libertadas e não aprisionadas.

No seguimento de Jesus, não será a missão da Igreja hoje em dia : acolher e favorecer o crescimento espiritual? Nós, os responsáveis da preparação para o matrimónio, não estaremos situados num lugar privilegiado para dar à Igreja este rosto de acolhimento de Jesus?!

Permito-me finalmente evocar o que tem sido para mim, desde há vários anos como pastor, uma referência importante das palavras de Jesus :

« Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância! » (Jo 10,10)

« Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos » (Jo 15, 13)

« Eu não vim para condenar o mundo, mas sim para o salvar » (Jo 12, 47)

Esta vida e este amor, encontrei-os com admiração tanto nos casais casados como nos casais em união de facto.

Então, como Paulo aos Tessalonicenses – todas as noites dou graças pensando neles :

« pela actividade da fé, o esforço da caridade e a constância da esperança » (1 Ts. 1, 2-4)

Gabriel Gingras

NOTAS

¹ Os dados fornecidos pelo Instituto de Estatística do Quebeque, em Junho de 2011, mostram que a propensão para se casar permanece baixa, mas não diminui mais desde meados dos anos 2000 (No. 12 Visão socio-demográfica). Por outro lado, uma pesquisa do Institut national de la recherche scientifique - Centre Urbanisation, Culture et Société afirma : « Os quebequenses distinguem-se também cada vez mais dos habitantes do resto do Canadá no que diz respeito ao **tipo da sua primeira união**. No princípio dos anos de 1970, os Canadianos (sem os quebequenses) eram 15% a escolher a união de facto e 85% a escolher o casamento como primeira união. Os quebequenses tinham comportamentos semelhantes : eram 20% em união de facto e 80% em casamento. Contudo, no início dos anos 1990, a tendência nos quebequenses tinha-se invertido : eram agora 80% a escolher a união de facto como primeira união e 20% a escolher o casamento. Quanto ao resto dos Canadianos, no princípio dos anos 1990, eram 50% a escolher o casamento e 50% a união de facto como primeira união.

O **tipo de união dos pais no momento do nascimento dos filhos** é também digno de interesse. No Ontário, 79% das crianças nascidas em 1997-1998 são originárias de pais casados, o que acontece apenas para 45% dos bebés do Quebeque. Se, no Quebeque, perto de 50% das crianças nascem no quadro de uniões de facto, somente 11% das crianças do Ontário estão na mesma situação (Cohortes 1997-1998, ELNEJ)

² O Instituto da Família recebeu em 2009-2010 mais de 600 casais que se preparavam para o casamento. 95,8% deles viviam em coabitação, e mais de metade, ou seja, 52,6% tinham um ou mais filhos.

³ Denise Lemieux, socióloga, Institut national de la recherche scientifique, Centre Urbanisation, Culture et Société. Conferência de 10 de Dezembro 2003

⁴ Vaticano II – A Igreja no nosso tempo - #4

⁵ A este respeito, ver : La rupture, Christianisme et modernité de Yves Ledure, Lethielleux, Groupe Desclée de Brouwer – Paris 2010

⁶ Jean Rigal – Ces questions qui remuent les croyants – Lethielleux, Groupe Desclée de Brouwer, Paris 2011, p. 322

⁷ A este respeito, ver : Claude Geffré, Passion de l’homme, passion de Dieu. Paris, éd. du Cerf 1991

⁸ cf. Henri J.M. Nouwen – Vivre sa foi au quotidien. Novalis 1996 – chapitre VIII, pp 111-129

⁹ Document Famille, Mariage et Union de fait. Conseil pontifical pour la famille - 2000

Permitam-me algumas questões para alimentar a vossa reflexão e a vossa partilha nas equipas.

1. A situação ilustrada por Pierre e Julie é-vos familiar? Há mecanismos de acolhimento e acompanhamento originais para os casais desejosos de se casar religiosamente ?
2. Observa-se no vosso meio um sentimento de culpabilidade ou de mal-estar por se ser diferente, quando um casal em união de facto pede o casamento religioso? Como é tido isto em conta na vossa preparação para o matrimónio?
3. Há espaço na nossa Igreja para inventar rituais de acolhimento ou iniciativas de acompanhamento espiritual para os casais, como Sabrina e Claude, que não podem celebrar sacramentalmente a sua união?